

Pensar a educação musical como ciência: a participação da Abem na construção da área

Jusamara Souza

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
jusa.ez@terra.com.br

Resumo. Este artigo discute como a Abem tem contribuído para pensar a educação musical como ciência ou área do conhecimento. Baseado em Nunes (2005) e Bourdieu (2000) considera que os objetos científicos de uma área são construídos socialmente e que cada ciência produz o seu próprio objeto.

Palavras-chave: Abem, epistemologia, educação musical

Abstract. This article discusses how Abem has been contributing to the thought of musical education as a science or knowledge field. Based on Nunes (2005) and Bourdieu (2000), it considers that the scientific objects of a certain field are socially built and that each science produces its own object.

Keywords: Abem, epistemology, music education

Introdução

Era final de uma noite de trabalho durante o XIII Encontro Nacional da Abem, realizado no Rio de Janeiro em 2004, quando discutíamos, na sala superior ao *hall* do hotel onde estávamos hospedadas, os temas que poderiam ser apresentados como propostas para os próximos encontros.¹ A sede do próximo encontro seria a cidade de Belo Horizonte. O tema da diversidade poderia abranger as discussões já trazidas pelo Fórum Nacional de Extensão realizado naquela cidade, bem como retomar as discussões propostas para o encontro de 2001.²

Em 2006, o XV Encontro seria em João Pessoa. Geralmente, as datas redondas se prestam de uma maneira particular para comemorações. Mas pensávamos em uma comemoração diferente. Além de um baile ou uma festa seria importante fazer uma avaliação dos impactos do trabalho que Associação Brasileira de Educação Musical (Abem) vinha desenvolvendo. Era necessário pensar na produção científica divulgada nos encontros e publicações, nas redes de intercâmbio e contatos de profissionais que aí se formavam, enfim, refletir sobre os avanços e as dificuldades bem como as conquistas e projetos futuros da Abem.

¹ Participaram dessa discussão as professoras Teresa Mateiro (tesoureira da Abem – gestão 2003-2005), Beatriz Ilari (secretária da Abem – gestão 2003-2005) e Cláudia Bellochio (presidente do conselho editorial – gestão 2003-2005) a quem agradeço pelo entusiasmo e partilha de idéias.

² Trata-se do X Encontro Anual da Abem, realizado em Uberlândia (MG), em 2001, e que teve como tema “Educação musical hoje: múltiplos espaços, novas demandas profissionais”.

Proposta e aprovada a temática pela assembleia geral daquele encontro, a comissão organizadora do XV Encontro Anual da Abem tratou de definir o tema: "Educação musical: produção científica, formação profissional, políticas públicas e impactos na sociedade". Foi também necessária uma articulação e operacionalização do tema com a estrutura do evento, dando origem aos fóruns de debate que integraram a programação geral do evento.

Este artigo refere-se à minha participação no Fórum 1, intitulado "Os 15 (quinze) anos da Abem: conquistas, lutas e perspectivas",³ para o qual fui convidada como ex-presidente da associação. Durante a minha passagem por duas gestões na presidência da Abem, de 2001 a 2005, aprendi muito sobre políticas públicas e proposição de projetos que dessem conta de um coletivo de educadores musicais. Nos vários encontros anuais e regionais em que participei tive contato com professores de música que relatavam sobre sua prática docente, mencionando os problemas enfrentados no dia-a-dia, as dificuldades na busca de uma literatura especializada, os interesses de pesquisa, as demandas e, principalmente, questionavam como a Abem poderia auxiliar. Algumas solicitações talvez fossem mais pertinentes a um sindicato de classe do que a uma associação científica, sem fins lucrativos. Mas isso me fazia refletir sobre o papel da Abem e entrever que espaço estava se consolidando para a educação musical no Brasil.

Essa experiência ensinou-me também sobre a gestão de associações científicas, e que não é tarefa fácil manter em funcionamento uma associação dessa natureza. Esse poderia ter sido o foco da minha participação nesse fórum, o que poderia lembrar um balanço de gestão. Mas por já tê-lo feito em 2005, durante o XIV Encontro, e por esse material encontrar-se publicado (ver Abem, 2005), optei por discutir algumas questões de fundo mais filosófico de concepção e epistemológico de construção de uma área.

A Abem como uma construção coletiva

A Abem foi fundada em 1991, na cidade de Salvador, com o intuito de congregar profissionais do ensino de música e de organizar, sistematizar e sedimentar o pensamento crítico, a pesquisa e a atuação educativa na área de música no Brasil. Segundo o seu estatuto, a Abem tem por finalidades:

a) Promover a educação musical;

b) organizar anualmente um encontro reunião onde serão divulgados trabalhos na área e serão oferecidos cursos de atualização nas temáticas de interesse da área;

c) congregar associações regionais de educação musical, bem como promover cursos para professores, visando à integração, discussão e divulgação dos conhecimentos nas diversas especialidades da área;

d) incentivar a atualização do profissional em educação musical. (Art. 2º do estatuto).

Esses objetivos previstos desde a sua fundação vêm sendo cumpridos por meio do oferecimento de cursos para professores de música durante os seus encontros nacionais, regionais e locais; na discussão de metodologias adequadas à nossa realidade; nas reflexões sobre as políticas educacionais; na divulgação de resultados de pesquisas na área; na difusão do conhecimento produzido mediante ações de extensão e ensino através dos relatos de experiência; na contribuição à criação de um ambiente propício para debates e discussões em Grupos de Trabalho (GTs).

Suas publicações⁴ também têm sido referências para a literatura de formação nos cursos superiores e de pós-graduação em música. Mais recentemente, a Abem tem marcado sua presença em organismos internacionais como a International Society of Music Education (Isme), que a colocam em um patamar de relevância no cenário contemporâneo da educação musical.

Apesar da aparente obviedade é necessário refletir sobre as razões de uma associação com esse perfil ter continuidade no Brasil e representatividade nos órgãos públicos de cultura e educação, como o Ministério da Cultura (MinC). Conforme divulgado no relatório de atividades da gestão 2003-2005, a Abem foi convidada em 5 de maio de 2005 para a formação da Câmara Setorial de Música. Formada por representantes do governo e das cadeias de criação e produção da música, a câmara funcionou como um conselho consultivo. Ao longo do ano de 2006, a Abem participou de várias reuniões, coordenadas pela Fundação Nacional de Arte (Funarte), para a elaboração de documentos que tiveram como função subsidiar o Ministério da Cultura na elaboração de políticas para o setor.

Creio que um elemento forte na organização

³ Os outros fóruns foram intitulados: "Políticas culturais, formação profissional e produção científica em educação musical" e "A educação musical no cenário político-educativo brasileiro e os seus impactos na sociedade".

⁴ A Abem publica com regularidade a Revista da Abem e os Anais de cada encontro nacional. Destacam-se também os quatro volumes da série Fundamentos da Educação Musical e os dois volumes da série Teses, já publicados.

da Abem é o modelo de representatividade no qual todas as regiões se fazem presentes já na própria constituição da diretoria, que além da diretoria central é composta de cinco diretorias regionais. Esse é um princípio de gestão que contribui para a integração de vários profissionais que passaram a frequentar os encontros, também realizados em diferentes partes do Brasil.⁵ Aliada a isso, a realização de encontros regionais alternados com o encontro nacional, no primeiro e no segundo semestre do ano, respectivamente. Isso facilita que as pessoas tenham pelo menos um encontro por ano na sua região e que se movimentem para encontrar-se.

Mas talvez só a proximidade geográfica não explicasse totalmente o que move as pessoas para os encontros. O que esperam dos encontros de educação musical? Quais os seus anseios, expectativas? Criada por um grupo de professores-doutores vinculados à universidade, a Abem, desde o início, soube que teria de abrigar muitos e todos que se interessassem pelo tema. Em uma entrevista ao *Boletim Informativo da Abem*, de janeiro de 2002, Alda Oliveira (2002, p. 8) relembra:

A idéia da Abem nasceu a partir dos encontros da Semana de Educação Musical que nós realizávamos anualmente desde o início dos anos 80, em Salvador. [...] Diferindo dos demais encontros da época, esse evento reunia pessoas de várias subáreas da educação musical, não somente para oferecer cursos de atualização, mas principalmente para falar sobre temas diversos e discutir problemas metodológicos e profissionais.

Ao relatar sobre a fundação da Abem, Alda Oliveira mostra também o quanto foi importante o apoio da universidade e de colegas pesquisadores da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música (Anppom), para que se criasse “uma sociedade, como braço da Anppom, visando à produção e divulgação de pesquisa, não apenas para pesquisadores, mas também para professores” (Oliveira, 2002, p. 8). O vínculo da Abem com as universidades permitiu-lhe um apoio institucional importante, contribuindo para que as futuras direções pudessem dar continuidade às tarefas.

Desde o ano de 2000, os encontros nacionais realizados pela Abem têm atingido uma média de 500 participantes. Abertos para sócios e não-sócios, esses espaços têm atraído pessoas de todas as partes do Brasil e têm servido de fórum para contatos e trocas de informação científica sobre projetos em andamento. Os profissionais do ensino de música querem trocar experiências e falar sobre os pro-

blemas relacionados ao seu campo de trabalho. Durante o XI Encontro, realizado na cidade de Natal, uma pesquisa exploratória⁶ entre os participantes do evento apontou sugestões de ações para a Abem, incluindo: 1) discussão nas escolas formadoras de professores de música em relação ao trabalho específico nas escolas do ensino básico e 2) a elaboração de projetos voltados para diretores e coordenadores de escolas visando conscientizá-los sobre a importância da música na educação.

Os encontros regionais e nacionais realizados ao longo desses 15 anos contribuíram decisivamente para a formação de uma rede nacional de pesquisadores no campo da educação musical. Além disso, como lembra Oliveira (2002, p. 8), a Abem “tem começado a criar uma rede regional muito ampla, o que sem dúvida é um ganho político e uma contribuição para se firmar no cenário internacional”.

O convívio entre gerações e o compartilhamento com os pares tem promovido redes significativas de interesses e a realização de encontros específicos que já ganham contornos e corpo como os encontros sobre ensino de instrumento em grupo. A sobrevivência dessa rede com grupos independentes dependerá de sua organização interna e do crescimento do número de interessados.

Inventamos e reinventamos o modelo de funcionamento da Abem a cada gestão. Seja pela política de apoio das agências de fomento que muda, seja pelas condições locais de cada coordenação do evento, temos que reinventá-la a cada dia. Mesmo porque precisamos ser ágeis, responder às exigências, às necessidades e aos formatos que a comunidade de profissionais da área nos demanda.

A educação musical como ciência

Para discutir a participação da Abem na constituição da área de educação musical como ciência vale a pena retomar alguns conceitos sobre o que seja ciência. Segundo Nunes (2005, p. 30, grifo do autor) a palavra “ciência” designa duas realidades distintas: “um *produto* de determinado tipo de atividade humana, que é aquele a que os investigadores dedicam; esse produto consubstancia-se em ‘um corpo de conhecimento e de resultados’”; ou como “um *sistema de produção* desse produto”, que implica considerar “as condições concretas em que se exerce a actividade dos investigadores”.

Ao considerar uma dada ciência como “um corpo de conhecimentos e resultados”, esse siste-

⁵ Uma lista completa de todos os eventos já realizados pela Abem pode ser encontrada no site www.abem.clic3.net

⁶ O trabalho foi coordenado pelas professoras Edineiram Marinho Maciel, Marineide Marinho Maciel e Regina Cajazeira.

ma dependeria de pelo menos três aspectos: a) quem são os investigadores (por exemplo, seus interesses e suas posições); b) quais são os meios de produção do conhecimento (métodos de pesquisa, conceitos e teorias, recursos disponíveis, entre outros) e c) como se encontram estruturadas e como funcionam em relação a outras estruturas e instituições (políticas de financiamento, grau de independência, mecanismos de gestão administrativa e científica, entre outros) (Nunes, 2005, p. 30).

Sobre o primeiro aspecto, quem são os pesquisadores que se apresentam e publicam nos *Anais e Revistas da Abem* pode-se afirmar que em sua grande maioria são oriundos de programas de pós-graduação específicos de música ou de área afins como educação, história ou psicologia. Seus interesses científicos e suas posições estão interligados às linhas de pesquisa dos respectivos programas.

Se com a publicação dos anais dos encontros anuais da Abem as comunicações completas sobre projetos de pesquisa concluídos ou em andamento e os relatos de experiências tornaram-se publicizados e disponíveis, isso ainda pode ser insuficiente, como eu já registrava em 2002:

É preciso articular mais as redes de informação e de contato para a divulgação da produção científica em nível de especialização, mestrado e doutorado. Os resultados de novas pesquisas devem ser apresentados de tal forma que o professor de música se sinta motivado e tome-os como ajuda e não como leituras inquestionáveis, numa linguagem que dificulta a acessibilidade aos resultados. (Souza, 2003, p. 9).

Em sua opinião sobre a produção de pesquisa em educação musical no Brasil e sua apropriação, publicada no *Boletim Informativo da Abem* de setembro de 2003, Cláudia Bellochio (2003, p. 2) também questionava:

Até quando viveremos nessa crise paradoxal e conflitiva? Enfim, será que realmente estamos mudando alguma coisa ou será que é o discurso de mudança que se prolifera? Mudamos alguma coisa ou as roupas é que mudam e deixa-se tudo como está? Isso leva a crer que pesquisar, divulgar e apropriar-se de resultados de pesquisas, para além dos muros da academia e da própria escola, envolve outros fatores de complexidade. Precisamos avançar conjuntamente na produção e na reflexão sobre as condições de apropriação de pesquisa, sem cairmos num 'pragmatismo imediatista' que poderia esvaziar os conhecimentos gerados na área.

Também Rosa Fuks (2005), em sua comunicação *Abem e Professores de Música: Diálogo Quebrando o Silêncio*, analisa a relação da Abem com os professores de música em geral. Essas manifestações deixam claro que além de refletir sobre a qualidade de seus problemas que devem ser investigados com métodos adequados, a educação musical

deve refletir sobre questões de divulgação, aplicação e utilização dos resultados de pesquisa, impedindo que a produção na área fique subordinada à ditadura da relevância da prática (Bastian, 1997).

Em relação ao segundo aspecto levantado por Nunes (2005), que diz respeito aos meios de produção do conhecimento (incluindo métodos de pesquisa, conceitos e teorias, entre outros), durante os últimos encontros da Abem vimos discutindo sobre os princípios epistemológicos que fundamentam nossas teorias e práticas de educação musical (Souza 1996, 2000, 2001). Destacam-se as publicações de relatos de pesquisa em educação musical que trouxeram uma contribuição valiosa sobre o estado da arte no Brasil e sobre a formação de educadores musicais. Como registra Bellochio (2003, p. 2):

Se, antes, os focos giravam em torno da produção de conhecimento *sobre e para* a educação musical formal, com os anos, outros temas passaram a compor as pautas investigativas, tais como educação musical não formal e em espaços alternativos, processos de auto-aprendizagem, educação musical e mídias; dentre outros.

Essa talvez tenha sido uma "virada epistemológica" da área quando assimilamos a proposta de sistematização da área de educação musical feita por Kraemer (1995), fundamentada no princípio de que a prática pedagógico-musical encontra-se em vários lugares, ou seja, os espaços onde se aprende e ensina música são múltiplos e vão além das instituições escolares.

A emergência de outros temas, e por consequência novos agrupamentos, novos grupos de trabalho (GTs) nos encontros da Abem (por exemplo, o GT Formação e práticas educativo-musicais em projetos sociais no XIV Encontro da Abem, em 2005), mostram que os objetos da área vão se modificando e que, como em qualquer ciência, são construídos socialmente. Mesmo porque, como escreve Nunes (2005), "não seria possível delimitar 'aprioristicamente o objecto específico de toda e qualquer ciência'". Para o autor toda ciência "*constrói, produz activamente, o seu próprio objecto científico, e que é produzindo-o, e re-produzindo-o metodicamente* ao longo do tempo, que historicamente se configura, singulariza e destrinça das demais" (Nunes, 2005, p. 19, grifo do autor).

Nessa direção valeria pensar para os futuros encontros da associação uma reestruturação das categorias propostas para os GTs, que parecem não dar mais conta dos campos empíricos e dos objetos que se têm descortinados para a área. Tomam-se como exemplo aqueles trabalhos que não se encaixam nos segmentos escolares tradicionais como educação musical entre gerações (Ribas, 2005), na família (Albuquerque; Santos, 2005; Gomes, 2005)

ou na cidade (Gonçalves; Souza, 2005). Pensar em outras possibilidades de reorganizar as apresentações de ações e práticas de pesquisa nos encontros da Abem, de formas não tão disciplinares e escolares, permitiria uma nova apreensão dos modelos teóricos e de construção do objeto que ora estão se dando no campo.

Esses trabalhos por assim dizer fronteiriços com outras áreas vêm corroborar um outro princípio defendido por Kraemer (1995), de que o conhecimento pedagógico-musical é complexo e por isso sua compreensão depende de outras disciplinas, principalmente das chamadas ciências humanas. Para o autor, estão presentes no conhecimento pedagógico-musical as dimensões filosóficas, antropológicas, pedagógicas, sociológicas, históricas, estéticas, psicológicas e musicológicas. Por isso, necessariamente a construção de uma teoria da educação musical estaria entrelaçada com outras disciplinas considerando as implicações “músico-históricas, estético-musicais, músico-psicológicas, sócio-musicais, etnomusicológicas, teórico-musicais e acústicas” do conhecimento pedagógico-musical (Kraemer, 1995, p. 157).

Ou seja, os temas e objetos hoje emergentes nas pesquisas em educação musical necessitam de uma teoria associada, articulada com outras áreas do conhecimento, porém sem perder o foco da pedagogia musical. Assim, a pesquisa pedagógico-musical deve estar voltada para os problemas da apropriação e transmissão musical orientando-se principalmente nas questões: *quem faz música, qual música, como e por que a fazem?* São essas questões que têm ocupado o centro do interesse da pesquisa pedagógico-musical nas últimas décadas, considerando que as músicas, as maneiras de recepção e suas justificativas se modificam permanentemente diante da utilização dos meios de comunicação (Souza, 2001).

Em relação ao terceiro e último aspecto, como a área se encontra estruturada e como funciona em relação a outras subáreas do campo da música reconhecidas por agências governamentais como Capes e CNPq, pode afirmar que a área de educação musical possui um grau de independência considerável, refletido, por exemplo, na sua participação na Câmara Setorial de Música do MinC.

A constituição e a permanência de uma associação representativa dos vários níveis, dos vários espaços e instituições de ensino da música, mes-

mo com as dificuldades da situação econômica do país e da própria crise de identidade social da escola e de seus profissionais, têm contribuído para não estarmos tão isolados e distanciados. Com os meios tecnológicos de comunicação podemos nos articular e ganhar força política junto à comunidade acadêmica e mesmo junto às esferas estatais de financiamento e de decisões sobre as políticas da educação musical brasileira.

Muitas intervenções significativas foram feitas na área de educação musical, com ações concretas, como, por exemplo, a presença da área específica de educação musical em concursos públicos para professores municipais e estaduais de música em vários lugares do Brasil. Situações que nos obrigaram a redefinir o papel da área frente ao movimento social e cultural mais amplo.

A estrutura aberta da associação permitiu até então que outras proposições estivessem em sua agenda, como a realização de encontros de coordenadores de cursos de música, em momentos de reformas curriculares, quando experiências mais avançadas de projetos políticos pedagógicos foram relatadas. A direção apontada nos documentos oficiais interpretados à luz dessas experiências pôde colaborar para a concretização de propostas coletivas.

Talvez essa margem de liberdade e possibilidade de autodeterminação e de definir suas próprias linhas de ação que goza a Abem como uma instituição científico-cultural possa estar relacionada com o recente desenvolvimento científico da área e a baixa produção, vista em seu conjunto, quando comparada a outras ciências sociais. Como analisa Nunes (2005, p. 31, grifo do autor) esse seria um lado reverso de uma situação menos favorável que é o “estado de *subdesenvolvimento científico*” de uma área.

Conclusões

A Abem tem sido um palco de debates e conquistas importantes que contribuíram e vem contribuindo para definir os contornos políticos e educacionais da educação musical como campo de estudo e prática profissional. Estamos fazendo história das instituições que cuidam da música e sua relação com a educação.

Ao organizar os documentos que registram a memória institucional da Abem,⁷ inventariados durante a gestão 2003-2005, pudemos verificar quantitativamente o impacto das ações de uma associação de educação musical que hoje é um mo-

⁷ Para detalhamento dos documentos que compõem esse acervo, consultar Barboza e Müller (2005).

dela para os países da América Latina. Em trabalhos futuros, os documentos podem servir de instrumentos de análise de como a Abem tem produzido conhecimentos para a área e como tem servido para a preparação de políticas e argumentos para a inserção da música nos debates públicos sobre educação.

O esforço por desenhar as fronteiras da área de educação musical, sem contudo nos fechar para os “trânsitos inusitados e inesperados” e as “articulações entre os diversos espaços escolares e não escolares” (Souza, 2001) que venho propondo, tem sido um exercício de epistemologia para a área, pois como recomenda Bourdieu (2000, p. 113, tradução minha), um campo científico “se define, entre outras coisas, definindo os objetos em questão e interesses específicos, que são irreduzíveis aos objetos em jogo e aos interesses próprios de outros campos [...]”.

Esse interesse está voltado para a construção de teorias explicativas na área de educação musical que partam de instrumentos e práticas metodológicas próprias. Por isso as discussões sobre o objeto de estudo da área, a natureza do conhecimento pedagógico-musical e suas inter-relações com outras áreas do conhecimento são tão relevantes.

Concordando com Nunes (2005, p. 33) de que “as características do produto científico dependem da natureza e do enquadramento estrutural do sistema social de conhecimentos que o produz”, os problemas de pesquisa que construímos, os métodos e técnicas que utilizamos para os fins de uma análise deverão estar contribuindo para a construção de uma ciência. Esse parece ser o desafio da Abem para os seus próximos 15 anos.

Referências

- ALBUQUERQUE, Pedro; SANTOS, Regina Márcia Simão. A formação do músico na Itiberê Orquestra Família. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 14., 2005, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: Abem, 2005. 1 CD-ROM.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL. *Relatório de atividades: 2001-2005*, Porto Alegre, 2005.
- BARBOZA, Rodrigo Costa; MÜLLER, Adriane (Org.). *Memória da ABEM: registro e organização de seu acervo documental*. Porto Alegre, 2005. 18 p. Mimeografado.
- BASTIAN, Hans Günther. (Empirische) Forschung in der Musikpädagogik im Fokus pragmatischer methodologie. In: PFEFFER, M. et al. (Org.): *Systematische Musikpädagogik*. Augsburg: Wissner, 1997. p. 205-228.
- BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. Da produção de pesquisa em educação musical à sua apropriação. *Boletim Informativo da Abem*, ano 6, n. 18, p. 2, set. 2003.
- BOURDIEU, Pierre. Algunas propiedades de los campos. In: BOURDIEU, P. *Cuestiones de sociología*. Trad. Enrique Martín Criado. Madrid: Istmo, 2000. p. 112-119.
- FUKS, Rosa. ABEM e professores de música: diálogo quebrando o silêncio. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 14., 2005, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: Abem, 2005. 1 CD-ROM.
- GOMES, Celson. Henrique Sousa. Aprendizagens musicais em família. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 14., 2005, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: Abem, 2005. 1 CD-ROM.
- GONÇALVES, Lilia; SOUZA, Jusamara. A configuração de um campo pedagógico-musical: discursos, práticas e redes de sociabilidade em Uberlândia, MG de 1940 a 1970. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 14., 2005, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: Abem, 2005. 1 CD-ROM.
- KRAEMER, Rudolf Dieter. Dimensionen und Funktionen musikpädagogischen Wissens. *Musikpädagogische Forschung*, hg. von Georg Mass, n. 16, p. 146-172, 1995.
- NUNES, A. Seda. *Questões preliminares sobre as ciências sociais*. 13. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2005.
- OLIVEIRA, Alda. Entrevista. *Boletim Informativo da Abem*, ano 5, n. 15, p. 8, jan. 2002.
- RIBAS, Maria Guiomar de Carvalho. Educação musical entre gerações: recorte de uma pesquisa em andamento. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 14., 2005, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: Abem, 2005. 1 CD-ROM.
- SOUZA, Jusamara. Contribuições teóricas e metodológicas da Sociologia para a pesquisa em Educação Musical. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 5.; SIMPÓSIO PARANAENSE DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 5., 1996, Londrina. *Anais...* Londrina: Abem, 1996. p. 11-39.
- _____. Música, cotidiano e educação: pressupostos e temas fundamentais. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 9., 2000, Belém. *Anais...* Belém: Abem, 2000. p. 58-62.
- _____. Múltiplos espaços e novas demandas profissionais: re-configurando o campo da Educação Musical. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 10., 2001, Uberlândia. *Anais...* Uberlândia: Abem, 2001. p. 58-92.
- _____. Pesquisa e formação em educação musical. *Revista da Abem*, n. 8, p. 7-10, 2003.

Recebido em 15/02/2007

Aprovado em 19/03/2007